

existência pulsa. O movimento de sístole encontra-se si mesma. O movimento de diástole derrama-se sobre o mundo. Alternam ensinamentos e empenho. Urnam climas diferentes. O clima de ensinamentos é de solidão e de confronto com os fundamentos dos quais brotamos. O clima de empenho é de mergulho na correnteza da ética e da história, do amor e do tempo. Ou, negativamente: o clima de ensinamentos é de retraimento da atividade, (do amor e do tempo). E o clima de empenho é de recusa de enfrentar os fundamentos. A tragédia da existência está na dualidade de climas. O nosso coração, por pulsar, está dividido contra si mesmo, (cor in verum in se ipsum). O movimento concêntrico é uma alienação do mundo. O movimento excêntrico uma alienação de si mesmo. O homem é um ser traidor, que trai o mundo, ora a si mesmo. Quando trai o mundo, é condenado pelo "enfado". Quando trai a si mesmo, é condenado por seus "lagos interiores". É um ser alienado o homem.

Esta dualidade oferece uma falsa escolha. Podemos escolher a sístole existencial e terrenos escolhidos, com a solidão, a fuga do mundo. E podemos escolher a diástole existencial e terrenos escolhidos, com o "engagement", a fuga de nós mesmos. A escolha entre as duas alternativas é sempre fuga. - honestidade exige que aceitemos ambas. - honestidade exige o impossível. Os grandes da nossa tradição são os modelos dessa nossa tarefa absurda. "Xá-fáguas", na sua vida para o deserto, e na sua volta a caverna, o caminho das nossas vidas. São os nossos projetos, e nós, em nossa busca desesperada de perfeição, procuramos realizar esses projetos. A grandiosa majestosa da síntese alcançada por nossos modelos, pelos "latões, e dantes, os Nietzsche, a grandiosa desses ensinamentos que são "engagements", desses terramentos sobre o mundo que são encontros consigo mesmo, é a meta inalcancável das nossas tentativas. Essas nossas tentativas marcam a nossa existência, e marcam as obras que realizamos para que atestem a nossa passagem pela vida do ser, deixando nela um leve aroma do nosso amor e do nosso tempo.

Estas considerações foram provocadas pelo livro que Miguel Deale usava de publicar, sob o título deste artigo, na Editora Paralya. É um livro de poemas. Outros que se debatem com o valor estético desses poemas criticamente. É como documento da bi-polaridade desesperada da existência que o livro será colocado no presente artigo. O autor é conhecido como existência empenhada, inclusive, (e especialmente), por seus trabalhos em filosofia. A sua é uma filosofia "de valores", isto é: atuante. Eis que aparece um livro que atesta o seu movimento de recolhimento. É portanto um dos raros momentos, nos quais nos é dado observar, "in fieri", o pulsar do coração invertido contra si mesmo. Já que o autor permitiu que este drama íntimo se passe no palco, procuremos observá-lo. E saibamos: "do te fabula narratur" (é de ti mesmo que a fábula trata).

A despeite da limitação que o presente artigo se impõe, algumas palavras sejam ditas quanto a poesia desses poemas. A língua poética distingue-se da prosaica por regras adicionais às quais se submete. A língua prosaica é regida pelas regras da gramática, a língua poética acrescenta a estas regras outras. A poesia, quando penetra o tecido da conversação, quando se precisa pela crítica a qual a conversação se submete, informa a língua com as suas regras. A gramática é poesia petrificada. Os poetas são os criadores das regras da língua, e é neste sentido que os poetas informam todos os nossos pensamentos. Uma poesia poderosa é aquela que cria novas regras linguísticas, ou aquela que revoluciona regras existentes.

A poesia concreta, por exemplo, procura substituir as regras discursivas em virtude de outras totalmente diferentes. Dada a novidade das regras de uma poesia criadora, não também novas as articulações dos poetas. Nessa originalidade formal da poesia reside a sua força como fonte da língua e do pensamento. Os poemas que são o tema deste artigo não representam, na opinião de quem escreve estas linhas, um esforço renovador ou criador de regras da língua. Não são portanto, no significado técnico do termo, originais como poesia.

Mas há uma outra maneira de encarar-se a poesia. Podemos concebê-la como o orgulho do intelecto em regiões para as quais as regras da língua prosaica não são adequadas. Nesse orgulho para dentro do inarticulável prosaicamente o intelecto se vê abandonado pela razão discursiva. Surge nele uma tensão, que é tanto mais violenta, quanto mais claro, lúcido e disciplinado for o intelecto. Quanto maior é o esforço do intelecto, quanto maior for o sacrifício da razão discursiva. O que surge desse esforço é poesia. Neste significado do termo são os versos ora apresentados uma articulação de uma vivência autenticamente poética, porque é um intelecto excepcionalmente lúcido e disciplinado que se sacrifica. E esta sensação do sacrifício, (inclusive no significado ritual de termo), nunca nos abandona durante a leitura.

Surge a seguinte pergunta: Por que recorre o sr. Reale, (espírito tão original em filosofia), a uma estrutura tão tradicional e "superada" neste seu livro? Certamente caberá o autor formular inúmeras respostas, mas resolvi ignorá-las. O autor é sempre testemunha suspeito da sua obra. A minha tese é estas: O autor é um espírito predominantemente expansivo. A vontade para a realização, a vontade para a atuação, enfim a vontade "tout court" marca o seu projeto. A sua inteligência, a sua sensibilidade, e todas as suas energias, estão dirigidas para o mundo. Daí ser a liberdade o tema central do seu pensamento, e daí tender a sua filosofia sempre mais para o historicismo. Está ele orgulhado, com toda a faceta publicamente conhecida, na correnteza do "amor e do tempo". Mas este seu empenho no mundo, com todas as suas sollicitações constantes e insistentes, deixam um vazio no núcleo do seu ser, um vazio que provoca a sua autenticidade. É um vazio que atesta serem todas as realizações externas uma fuga de si mesmo. É a vivência bíblica: "se quiser ganhar o mundo, mas perder a alma?"

A esta provocação do próprio núcleo do ser o autor reage. Não procura sufocar, como tentos, a voz interior com atividade ainda mais intensa. Não recorre à atividade como opisto. Procura encontrar-se a si mesmo e consigo mesmo. Mas, (e isto é típico para a sua situação), recorre a formas tradicionais nessa tentativa. Escreve poemas no significado tradicional do termo. Protege-se, no seu esforço de retorno para si mesmo, com a capa das formas herdadas. Quer que o pai e avô da nossa cultura o acompanhem na sua viagem rumo às mães. A coragem de originalidade, que tanto caracteriza o seu pensamento voltado contra o mundo, esse coragem abandona este espírito no momento do ensinamento. Aceita o desafio da solidão, mas, paradoxalmente, não quer estar só no instante do retiro. Quer que pelo menos Dante o acompanhe.

O próprio título do livro é portanto um paradoxo. Poemas do tempo? Mas se a poesia é justamente aquele movimento do espírito pelo qual este se afasta do paramente temporal para mergulhar no "nunc stans" da intemporalidade? É poemas

de amor a que e a quem? Não, (e isto é evidente para quem lê o livro), ao to-  
 talmente diferente que se manifesta no interior da alma. Não amor da superação  
 e do abandono. É o amor aos outros. No seu movimento de retraimento, (e  
 isto é a sua tragédia), arrasta este espírito consigo todo o seu mundo. É como  
 Edermann que quer ter ao seu redor toda a sua circunstância, (família, povo,  
 humanidade), no instante da última verdade.

Mas um leitor mais atencioso verificará como é frágil esta capa protetora. Ver-  
 rificará como se expõe o poeta, "malgré lui", em sua procura de si mesmo, ao  
 fazer abraçador e purificador da solidão humana. Esse fogo penetra pelos poros  
 e pelas fendas da capa, e reduz a cinzas a filosofia pré-concebida que o au-  
 tor procura infiltrar, subrepticiamente, nos seus poemas. Penetrou o autor  
 agora regiões nas quais a sua filosofia pouco lhe adianta. É a voz da reli-  
 giosidade primordial, nascida da solidão, que se articula, "sotte voce", nos  
 seus poemas. Essa voz é um hóspede não convidado. Está lá a despeito da filo-  
 sofia e em desafio a ela. O autor provecon, no seu orgulho, um monstro ador-  
 necido, e de qual talvez nem suspeitava a presença. Ela é, a meu ver, a expli-  
 cação dos poemas.

A filosofia do autor é conscientemente "profana". Embora haja nela uma procu-  
 ra insatisfeita, que se articula, em momentos fugazes, como relâmpagos de fé  
 sufocada, são as solicitações do sacro poetas, deliberadamente, em parentese  
 por ela. As vezes são mesmo consideradas com certa desconfiança. O autor pro-  
 cura manter a mesma atitude nestes poemas, já que cre honestamente ser essa a  
 atitude a "sua". Mas não consegue mantê-la. O sacro irrompe. É este o movi-  
 ve inconsciente desta poesia. Permitir que o sacro se manifeste, embora contra  
 a vontade pre-meditada. Os poemas são uma provocação disfarçada do sacro, já  
 que são busca desesperada de totalidade. Por ser inconsciente, (ou semi-con-  
 sciente) esta provocação, são os poemas duplamente convedores.

É o "crosse nós", duas formas de filosofar-se. Uma é o pensamento voltado  
 contra si mesmo. A outra é o pensamento modelador do comportamento. Represen-  
 tam essas duas formas os dois movimentos da existência dos quais falei no iní-  
 cio deste artigo. A primeira forma, exemplificada por Chéphenauer, é uma alie-  
 nação do mundo. É inconcebível que esse tipo de filósofo faça versos como es-  
 tes. A sua filosofia já é poesia, e poemas, feitos porventura por esse tipo de  
 filósofos, fazem parte integrante da sua filosofia. A outra forma é uma alie-  
 nação de si mesmo. Em espíritos honestos essa segunda forma de filosofia pro-  
 voca a necessidade de escrever-se poesia. Mais que necessidade, é essa poesia  
 uma forma de equilíbrio, uma forma de juízo que os antigos chamavam de "justiça".  
 O presente livro é uma busca de justiça.

A leitura de "Poemas do amor e do tempo", muito mais que experiência estética,  
 é um desafio existencial e uma provocação da consciência dos leitores. É a con-  
 fissão da carência de intelecto por uma inteligência extremamente lúcida e re-  
 presentativa de toda uma elite. O autor tem a coragem de desfazer-se de um fal-  
 so poder e permitir que participemos da sua luta interna. Creie que lhe deva-  
 mos gratidão por esse exemplo que nos proporciona. Somos seus irmãos de luta,  
 e, como ele, somos seres internamente dilacerados. Tendemos ora para um lado,  
 ora para o outro, de pêndulo de sonos. Quem escreve estas linhas tende para o  
 lado oposto do autor, e é talvez por isto que pode sentir simpatia mais imedi-

A

atu com a tua tentativa. É talvez por isto que toda a tragédia humana se lhe  
deve a esta leitura. É talvez por esta razão que teve a audácia de escrever  
ver este artigo.

Citei, disfarçadamente, dois poemas no primeiro parágrafo deste artigo. São  
os poemas "Enfado", e "Logos interiores". Quero encerrar estas meditações tal  
vez inoportuna citando um terceiro. Chama-se "Polaridade".

Polaridade de existir, polaridade de pensar,  
revolto mar da vida,  
vida no revoltado mar.

Vilém Flusser